



RECENSÃO

Arsuaga, Juan Luis. 2009. *El reloj de Mr. Darwin – la explicación de la belleza y maravilla del mundo natural*, Madrid, Temas de Hoy. isbn: 978-84-8460-792-2, 350pp., 19,80€

Francisco Curate*

Centro de Investigação em Antropologia e Saúde – Universidade de Coimbra, Portugal
Centro de Ciências Forenses – Instituto Nacional de Medicina Legal, IP, Portugal

*fcurate@uc.pt

O limite do homem é a morte – nem mais, nem menos. Por isso não me incomoda verdadeiramente quando alguém menciona a deplorável parábola de Fred Hoyle a propósito da «evolução» da vida. Poderão saber do que estou a falar. Em 1982, durante uma palestra na rádio, Hoyle revelou o seu excêntrico entendimento dos mecanismos da evolução contando uma pequena história rematada por uma pergunta. O argumento é mais ou menos este: um ferro-velho contém todas as peças soltas de um Boeing-747. Uma rajada de vento esfuzia pelo meio da sucata. Qual é a probabilidade de encontrarmos um 747 completamente montado, pronto a voar, depois da passagem do vento? Eu respondo: a probabilidade aproxima-se bastante de zero, qualquer coisa como 10^{-40000} . O que concluiu Hoyle? O astrofísico inglês concluiu, sem qualquer pejo, que a vida não pode ter surgido de forma natural. Na verdade, para explicar o aparecimento da

vida na terra, Hoyle substituiu o famigerado «grande relojoeiro» de William Paley (o criador do mundo) e todas as cosmogonias que, de uma forma ou de outra, o suportam, por uma narrativa alicerçada em alienígenas e encontros extraterrestres. Nada mau para os teóricos da conspiração mas pouco relevante para culturas científicas como as que seguimos.

Afortunadamente, existiu um homem que resolveu o problema do aparecimento do relógio sem que fosse necessário um relojoeiro (independentemente de ter sido exposto num livro religioso ou num filme de ficção científica) para o construir – um naturalista inglês que mudou para sempre a nossa relação com o mundo ao proclamar que mesmo os órgãos mais complexos surgiram devido a um mecanismo natural de prova e erro. Já perceberam quem é o *homem* mas eu grafo o seu nome com respeito: Charles Darwin (D.). «Um génio»,

de acordo com Juan Luis Arsuaga, «talvez o maior da história» (p. 264). Julgo que esta frase é suficiente para posicionar científica e literariamente «El reloj de Mr. Darwin – La explicación de la belleza y maravilla del mundo natural»: o livro é um longo ensaio sentimental em que Arsuaga expõe a sua admiração pelo autor de «A origem das espécies», sem contudo renunciar aos espartilhos do que se entende como rigor científico.

Juan Luis Arsuaga é um cientista de excepção. Felizmente, Arsuaga também é um admirável escritor de divulgação científica, sobretudo nas áreas da paleoantropologia e da evolução humana. O co-director da equipa de investigação de Atapuerca escreve sobre o que mais gosta (a evolução do homem, Atapuerca, os Neandertais, Charles Darwin, &c.) e isso reflecte-se de forma natural nas páginas luminosas com que nos brinda. Como é lógico supor, a leitura de «El reloj de Mr. Darwin» deve mais ao prazer que ao dever – e isso faz toda a diferença.

O livro desponta de um sonho: um professor de Paleontologia Evolutiva (o professor é, evidentemente, Arsuaga) adormece antes de uma aula e conta-nos como surgiu o seu afecto científico por D. O sonho não é uma fantasmagoria mas uma narrativa densa e cuidada; nele o autor constrói um enredo biográfico de D., das suas teorias e, num exercício feliz de intertextualidade, coloca-o a falar com outros pensadores da biologia, da paleontologia ou da evolução, contemporâneos ou não. Parece-nos natural que o paleoantropólogo espanhol ponha Huxley, Lamarck, Wallace, Mendel ou Lyell a falar conosco, mas que se proponha remir George Cuvier (p. 24), o grande paleontólogo francês que nunca

deixou de ser um feroz adversário de qualquer teoria da evolução, afigura-se-nos simplesmente como um acto de ternura e justiça *ex post facto*.

Um dos aspectos mais interessantes deste livro releva de um trabalho de sapa, de investigação e recolha, que culminou na transcrição de extensas citações de obras, cartas e memórias de D. Desse modo, a vida e as ideias científicas do autor de «The expression of the emotions in man and animals» são-nos muitas vezes apresentadas através das suas próprias palavras – não em inglês Victoriano mas em castelhano de Madrid – para usufruto de quem nunca tomou contacto directo com a obra de D. (uma boa parte dos biólogos e antropólogos discute-o até à exaustão sem nunca ter lido uma linha escrita por ele). A vida de D., desde a escola do Dr. Butler (p. 55) até aos dias plácidos de Down (p. 137), as suas concepções científicas (e.g., a «selecção natural» [p. 171]) e as suas obras mais relevantes (e.g., «On the origin of species» [p. 167] ou «The descent of man, and selection in relation to sex» [p. 223]) são anatomizadas em modo didáctico, evocando constantemente as referências do próprio D. bem como a erudição de Arsuaga.

Charles Darwin estendeu a sua longa sombra sobre o mundo e Juan Luis Arsuaga, como tantos entre nós, abrigou-se nela como um filho se aconchega nos braços do pai. Um livro como «El reloj de Mr. Darwin – La explicación de la belleza y maravilla del mundo natural» apenas surge quando ancorado a uma espécie de amor filial, reverente mas crítico. Dizem que a ciência se faz a partir da razão mas parece-nos que é o coração, e não o cérebro, que faz os eloquentes.